

# DA CRIAÇÃO À QUEDA: UMA RELEITURA PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE HUMANA<sup>1</sup>

PATRICK VIEIRA FERREIRA<sup>2</sup>  
ROGÉRIO LOPES DE OLIVEIRA<sup>3</sup>  
ROSÂNGELA O. DA COSTA<sup>4</sup>

**Resumo:** Este estudo analisa a narrativa bíblica de Adão e Eva sob a perspectiva da teoria dos Oito Estágios do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson. A pesquisa utiliza a Psicologia Narrativa de Theodore Sarbin como metodologia para reinterpretar os eventos de Gênesis à luz dos desafios psicossociais enfrentados pelo ser humano ao longo da vida. A análise revela que cada estágio proposto por Erikson encontra correspondência na trajetória de Adão e Eva, desde a confiança inicial no Criador até os dilemas de identidade e redenção. Os resultados destacam como a perda do Éden simboliza o enfrentamento de crises psicossociais, reforçando a relevância dessa narrativa para a compreensão do desenvolvimento humano. Conclui-se que a abordagem psicossocial amplia o significado do relato bíblico, promovendo uma leitura interdisciplinar entre teologia e psicologia.

**Palavras-chave:** Erik Erikson. Adão e Eva. Teoria Psicossocial. Antropologia bíblica. Psicologia Narrativa.

<sup>1</sup> Este trabalho foi idealizado como requisito da disciplina Antropologia Bíblica e teve a participação de Alessandra O. da Silva, Antônio D. Lima de Assis, Caroline Amanda Pinheiro, Patrícia Laureano, Rogério Lopes De Oliveira e Rosângela O. da Costa.

<sup>2</sup> Docente no Unasp-EC. Doutor em Psicologia da Educação (PUC-SP). Contato: prpatrickvf@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Psicologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo.

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo.

# FROM CREATION TO FALL: A PSYCHOSOCIAL REVIEW OF HUMAN IDENTITY

**Abstract:** This study analyzes the biblical narrative of Adam and Eve through the lens of Erik Erikson's Eight Stages of Psychosocial Development. The research employs Theodore Sarbin's Narrative Psychology as a methodology to reinterpret the Genesis events in light of the psychosocial challenges faced by human beings throughout life. The analysis reveals that each stage proposed by Erikson corresponds to Adam and Eve's journey, from initial trust in the Creator to identity dilemmas and redemption. The findings highlight how the loss of Eden symbolizes the confrontation of psychosocial crises, reinforcing the relevance of this narrative for understanding human development. The study concludes that the psychosocial approach broadens the meaning of the biblical account, fostering an interdisciplinary dialogue between theology and psychology.

**Keywords:** Erik Erikson. Adam and Eve. Psychosocial Theory. Biblical anthropology. Narrative Psychology.

## 1. Introdução

O desenvolvimento da identidade humana é um tema central nas ciências humanas, especialmente na psicologia e na antropologia, áreas que buscam compreender como as experiências individuais e coletivas moldam a personalidade e o comportamento ao longo da vida. Entre as teorias mais relevantes nesse campo, destaca-se a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, que propõe uma visão abrangente do ciclo vital humano. Erikson sugere que a vida é composta por oito estágios, cada um caracterizado por um conflito psicossocial específico. Esses conflitos, dependendo de sua resolução, desempenham um papel determinante no fortalecimento ou na fragilização da personalidade, influenciando a capacidade do indivíduo de se relacionar consigo mesmo e com os outros.

Paralelamente, a história de Adão e Eva, narrada no livro de Gênesis, tem sido objeto de reflexão em diversas áreas do saber, incluindo teologia, filosofia e psicologia. Essa narrativa bíblica, além de sua dimensão religiosa, apresenta elementos simbólicos e existenciais que continuam a ressoar profundamente na humanidade. Ela aborda temas como a origem da vida, a liberdade de escolha, a responsabilidade, a tentação, a queda e a busca por redenção, aspectos que tocam a essência da condição humana. Ao revisitarmos essa história a partir da perspectiva psicossocial de Erikson, encontramos possibilidades ricas de interpretação que conectam os eventos bíblicos aos dilemas enfrentados pelo ser humano e seu desenvolvimento.

Os textos religiosos têm historicamente desempenhado um papel central na tentativa de compreender a condição humana. A história de Adão e Eva, relatada no livro de Gênesis, ocupa um lugar de destaque como uma das descrições mais antigas e universais sobre as origens da humanidade. Essa narrativa não apenas aborda questões teológicas e espirituais, mas também reflete aspectos essenciais da existência humana. Uma releitura dessa história sob uma perspectiva psicológica permite que sua profundidade simbólica seja explorada de maneira renovada, conectando-a à busca pelo entendimento da natureza humana.

O exercício de realizar uma leitura psicológica de uma narrativa tão emblemática como a de Adão e Eva não se limita a um interesse acadêmico; ele se torna uma ferramenta poderosa para compreender a condição humana em sua complexidade. Essa abordagem abre espaço para reflexões sobre os aspectos universais que unem todas as pessoas, independentemente de

tempo, cultura ou crença. Ao revisitar os detalhes dessa história com os olhos da psicologia, somos convidados a repensar a natureza humana, reconhecendo a relevância atemporal desses relatos e sua capacidade de iluminar questões essenciais sobre quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

O objetivo deste artigo é realizar uma releitura do relato bíblico da criação e queda de Adão e Eva à luz da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, buscando estabelecer conexões entre os elementos narrativos do texto e os estágios do desenvolvimento humano propostos pelo autor. Para isso, adota-se o método da análise de conteúdo, que permite explorar sistematicamente os significados presentes no texto bíblico. Além disso, essa análise é conduzida com base no método analógico descrito por Theodore Sarbin, que enfatiza a utilização de narrativas como instrumentos para compreender os processos humanos de construção de sentido e identidade. Dessa forma, o estudo busca não apenas enriquecer a compreensão psicossocial da narrativa bíblica, mas também destacar sua relevância para a reflexão sobre a natureza humana.

## 2. Fundamentação Teórica

Erik Homburger Erikson, um dos psicanalistas mais importantes do século 20, dedicou grande parte de suas pesquisas e reflexões ao estudo da personalidade, consolidando-se como uma referência fundamental nesse campo. Erik Salomonsen, nome de nascimento de Erik Erikson, nasceu em 15 de junho de 1902, na cidade de Frankfurt, Alemanha, em uma família de origem judaica. Sua mãe, Karla Abrahamsen, assumiu sozinha a responsabilidade de criá-lo, uma vez que pouco se sabe sobre o pai biológico de Erik, exceto que ele era dinamarquês. Durante a gravidez, Karla mudou-se para a Alemanha a fim de se aproximar de seus familiares. Quando Erik tinha cerca de três anos, Karla conheceu o pediatra Theodor Homburger durante uma consulta médica e, com o tempo, desenvolveu um relacionamento afetivo com ele, vindo a se casar posteriormente. Theodor passou a desempenhar um papel importante na criação de Erik, e, aos oito anos, o menino teve seu nome alterado para Erik Homburger. Em 1911, ele foi adotado oficialmente por seu padrasto (Kelland, 2023; Knight, 2016).

Segundo Barros (1991), Erik Erikson, após se formar no Instituto Psicanalítico de Viena com o objetivo de se tornar psicanalista infantil, deu início a uma trajetória marcada por experiências significativas. Aos 25 anos, uniu-se a seu amigo Peter Blos, com quem tinha viajado pela Europa, para lecionar de forma particular a crianças educadas em casa. Blos, que residia com uma das famílias para as quais trabalhava, tinha proximidade com os Freud, o que permitiu a Erikson estabelecer contato com Sigmund Freud. Nesse período, Erikson começou a ensinar arte em uma escola destinada a crianças cujos pais faziam análise com Anna Freud.

Foi nesse ambiente que Anna Freud começou a desenvolver suas ideias sobre psicanálise infantil, observando com atenção o trabalho de Erikson. Barros (1991) e Carpigiani (2010) relatam que Anna Freud ficou impressionada com a habilidade de Erikson em estabelecer rapidamente uma relação positiva com as crianças, o que a levou a convidá-lo para integrar o grupo de psicanálise como estudante, paciente e psicanalista em formação.

Durante esse período, Erikson especializou-se na análise infantil, atuando como estagiário de Anna Freud. Além disso, buscou treinamento na abordagem Montessori de educação, que enfatiza a independência e a autonomia das crianças desde as idades iniciais até a adolescência. Segundo Barros (1991), sua experiência na Escola de Hietzing e seus estudos em psicanálise, psicologia e antropologia consolidaram seu interesse nessas áreas e foram fundamentais para o desenvolvimento de sua carreira acadêmica e investigativa.

Erikson expandiu as ideias de Freud do desenvolvimento humano para o decorrer da vida. Para Freud, as experiências da infância moldam o indivíduo por toda a vida, atreladas aos impulsos sexuais (Silva; Finocchio, 2011). Erikson (2014) acreditava que os primeiros anos são fundamentais para o desenvolvimento, porém o desenvolvimento humano não estagna na infância, mas perfaz toda a existência.

No campo do estudo da identidade, Erik Erikson elaborou uma teoria que descreve o ciclo de desenvolvimento humano por meio de conflitos psicossociais enfrentados em cada etapa da vida. Essa teoria, amplamente reconhecida, apresenta oito estágios, que refletem os desafios e dilemas centrais de cada período do desenvolvimento. Os estágios são definidos pelos seguintes conflitos: confiança versus desconfiança, autonomia versus vergonha e dúvida, iniciativa versus culpa, diligência versus inferioridade, identidade versus confusão de identidade, intimidade versus isolamento, generatividade versus estagnação e, por último, integridade versus desespero. Cada estágio apresenta um conflito central que deve ser bem administrado, pois todo tipo de experiência influencia diretamente a formação da identidade e o progresso psicossocial do indivíduo (Erikson, 1994).

## 2.1. A Teoria Psicossocial de Erik Erikson

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson é uma das mais abrangentes e influentes no campo da psicologia do desenvolvimento (Sacco, 2013). Estruturada em oito estágios, ela descreve as crises psicossociais enfrentadas pelo ser humano ao longo de toda a sua vida, desde o nascimento até a velhice. Cada estágio é caracterizado por um conflito central que reflete os desafios e oportunidades próprios de cada fase, os quais, dependendo de sua resolução, podem contribuir para o crescimento psicológico ou gerar dificuldades que impactam a formação da identidade e as relações interpessoais.

### 2.1.1. Confiança versus Desconfiança (0-1 ano)

O desenvolvimento psicossocial do ser humano, geralmente, está relacionado a etapas etárias, ou seja, “significa especificamente que os estágios de vida de uma pessoa, do nascimento até a morte, são formados por influências sociais interagindo com um organismo que está amadurecendo física e psicologicamente” (Hall *et al.*, 2007, p. 169). Erikson (1994) propõe que no primeiro ano de vida, correspondente ao estágio oral-sensorial, ocorre o conflito entre confiança e desconfiança, que é fundamental para a construção da saúde emocional e psicológica. Nesse estágio inicial, o bebê depende completamente de seus cuidadores, sendo a consistência e a previsibilidade das respostas desses adultos cruciais para o estabelecimento da confiança básica.

À medida que o bebê se familiariza com experiências sensoriais e desenvolve uma rotina estável, ele experimenta um senso de bem-estar e segurança. A interação com os cuidadores não apenas garante a satisfação de suas necessidades físicas, mas também proporciona segurança emocional. Essa segurança é fortalecida pela capacidade do bebê de confiar que seus cuidadores retornarão após breves ausências, demonstrando um senso inicial de autonomia emocional.

Por outro lado, a desconfiança básica, embora frequentemente associada a sentimentos negativos, desempenha um papel importante no desenvolvimento humano, funcionando como uma ferramenta de autoproteção. Segundo Erikson (1994), o equilíbrio entre confiança e desconfiança é necessário para que o bebê desenvolva uma visão realista do mundo e adquira

a virtude da esperança. A esperança, descrita por Erikson como uma qualidade indispensável à existência humana, surge das primeiras interações do bebê com cuidadores confiáveis, que atendem às suas necessidades (Hall *et al.*, 2007).

De acordo com Hall *et al.* (2007), Erikson também destaca o papel das ritualizações nesse estágio inicial. A presença constante e cuidadosa da mãe ou do cuidador é percebida pelo bebê como um ato de “divindade”, representado por olhares, toques e sorrisos que confirmam sua importância. Essas interações ritualizadas, que são tanto pessoais quanto culturalmente estruturadas, validam a mutualidade entre o bebê e seu cuidador. A ausência de tais interações pode gerar sentimentos de alienação e abandono, impactando negativamente o desenvolvimento da personalidade.

O equilíbrio entre confiança e desconfiança, reforçado por rituais de cuidado consistentes, forma a base para que o bebê desenvolva uma segurança interna e um senso de identidade psicossocial. De acordo com Papalia (2013), nessa etapa o bebê precisa sentir-se seguro com os seus cuidadores, desenvolvendo um relacionamento íntimo e confiável com os mesmos. Em algum momento inesperado a desconfiança poderá surgir, tornando-se uma ferramenta de autoproteção. Além disso, esse processo inicial prepara o indivíduo para lidar com os desafios das etapas subsequentes da vida. Assim, o primeiro estágio da teoria de Erikson evidencia a interação complexa entre confiança, esperança e reconhecimento, elementos que sustentam o desenvolvimento emocional e social do ser humano. E são também “requisitos básicos para o desenvolvimento da fé e da religião” (Stella, 2009, p. 104).

## 2.1.2. Autonomia versus Vergonha e Dúvida (1-3 anos)

O segundo estágio ocorre entre o primeiro e o terceiro ano de vida, período em que ocorre um avanço em relação a autonomia e autossuficiência. Nesta etapa em particular, o bebê amplia sua exploração do ambiente em que vive e adquire grande domínio das regiões motoras e mentais do seu corpo como: caminhar, falar, controlar suas necessidades corporais e pensamentos mais elaborados. O ápice do segundo estágio ocorre quando a criança começa firmar a sua própria independência e, ao mesmo tempo, passa a lidar com suas emoções, associadas a um conflito entre o desejo de ser autossuficiente e o medo de fracassar, o que as leva, principalmente, à vergonha e à dúvida (Erikson, 1971).

Erikson (1994) argumenta que nesse estágio, cada vez que a criança faz algo sem ajuda de alguém, isso contribui para o seu autocontrole, autonomia, independência e para o seu desenvolvimento como indivíduo. O desejo da criança por novas experiências e atividades mais direcionadas gera uma necessidade dupla: o desenvolvimento do autocontrole e a aceitação do controle exercido por outras pessoas no ambiente. Enquanto promovem o senso de autonomia e é incentivada a afirmar sua independência, as crianças também precisam ter uma base de apoio firme e tranquilizadora.

Esse estágio do desenvolvimento é crucial para fomentar tanto a liberdade de autoexpressão quanto a capacidade de formar laços amorosos. De acordo com Hall *et al.* (2007), quando a criança desenvolve um senso saudável de autocontrole, isso resulta em um sentimento duradouro de boa vontade e orgulho em suas realizações. Por outro lado, a perda do autocontrole pode gerar sentimentos persistentes de vergonha e dúvida, impactando negativamente seu crescimento emocional e social.

O sentimento de derrota nesse processo pode levar ao surgimento da vergonha e da dúvida. A vergonha é um sentimento de origem cultural que desperta no indivíduo a percepção de estar completamente exposto e sob o olhar atento dos outros. Já a dúvida está associada à insegurança da criança em relação à sua autonomia, especialmente quando ela experimenta

satisfação ao realizar certas ações, como eliminar seus próprios resíduos, mas percebe que essas ações são rejeitadas ou desvalorizadas pela sociedade (Stella, 2009).

### 2.1.3. Iniciativa versus Culpa (3-6 anos)

O estágio Iniciativa versus Culpa é o terceiro estágio do desenvolvimento humano, para Erikson (1994b). Nessa etapa surgem novas expectativas e novas responsabilidades, o que impulsiona a criança a tomar iniciativa. Tudo que o ser humano aprende e faz é impulsionado pela iniciativa. Diante de novos desafios e mudanças, ao realizar novas tarefas e ações, a criança poderá ser atingida pela culpa quando não alcança o que ela própria espera de si mesma. Ela poderá vivenciar um grande conflito, e muitas vezes ser tomada pela raiva.

A iniciativa precisa ser aproveitada de forma positiva e orientada, pois nessa etapa a criança apresenta uma disposição para aprender e está aberta a novos ensinamentos; elas gostam de ajudar e cooperar com os pais e querem ser úteis. Ensinar a criança a desenvolver um comportamento de superação, diante dos próprios erros ao longo do caminho, proporcionará a ela um desenvolvimento saudável. Um comportamento severo ou uma resposta ríspida por parte dos pais e cuidadores poderá levar a criança a ter dúvida sobre si ou desenvolver insegurança, prejudicando o desenvolvimento da autoestima e autoconfiança (Fiedler, 2016).

Esse estágio é muito importante para a formação da identidade do ser humano, pois o indivíduo que consegue superar de forma positiva seus erros, tendo um profundo entendimento e conhecimento que errar, às vezes, faz parte do aprendizado, terá maior possibilidade de se tornar um indivíduo seguro de si mesmo. A virtude desenvolvida nesse estágio é o senso de propósito, que Erikson define como a “coragem de visualizar e perseguir objetivos valorizados”, sem se deixar inibir pela derrota de fantasias infantis, pela culpa ou pelo medo de punição (Erikson, 1964, p. 122).

### 2.1.4. Indústria versus Inferioridade (6-12 anos)

Conforme Erikson (1994a), o quarto estágio da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial é denominado fase da Indústria versus Inferioridade, pois nessa etapa a criança começa a compreender seu papel na sociedade com mais seriedade. Esse estágio está relacionado à compreensão da criança sobre a necessidade do trabalho para a sobrevivência em uma sociedade. Porém, há uma responsabilidade por parte de seus cuidadores e orientadores de passar todo o ensinamento que possuem de forma leve, sem gerar competição entre crianças, pois elas podem se sentir frustradas e inadequadas, gerando um sentimento de inferioridade.

O apoio positivo tanto dos pais quanto dos professores é essencial para o desenvolvimento da indústria. A criança que recebe reconhecimento por suas pequenas conquistas, por mais simples que sejam, sentem-se mais motivadas a continuar investindo em seu desenvolvimento. Ela passa a entender que o esforço, a dedicação e a persistência são recompensadas, e isso reforça sua confiança em suas próprias habilidades. Uma criança que sente que está progredindo em suas atividades tende a se envolver mais facilmente e passa a explorar novas possibilidades e a desenvolver uma maior autoconfiança (Berzoff, 2022).

### 2.1.5. Identidade versus Confusão de Papéis (12-18 anos)

O quinto estágio da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1994) é formado pela Identidade versus Confusão de Papéis. Ocorre entre 12 anos e 18 anos, sendo uma etapa fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autopercepção. De acordo com Syed e Mclean (2017), a identidade foi um conceito central no pensamento de Erik Erikson, e seus escritos tiveram um impacto profundo tanto na teoria e na pesquisa subsequentes quanto na cultura popular. Erikson foi pioneiro ao abordar e introduzir o termo “crise de identidade”. Embora hoje esse termo faça parte do vocabulário cotidiano em muitas partes do mundo, essa ideia era praticamente desconhecida antes de Erikson.

Bishop (2013) afirma que, durante esse período, o adolescente começa a explorar diferentes papéis e sua identidade, questionando aspectos fundamentais de sua vida, como sua orientação sexual, sua crença religiosa, seu valor e sua realidade. O desenvolvimento da identidade envolve um período em que os adolescentes exploram quem são de forma mais independente. No entanto, essa ideia pode variar entre diferentes culturas, especialmente no que diz respeito ao tempo disponível para essa exploração e ao grau de liberdade que eles têm. É nessa fase que os adolescentes começam a se questionar sobre sua própria identidade e como se conectam com a família, os amigos e a sociedade ao seu redor.

Para que não haja uma confusão de papéis, é necessário que o adolescente consiga estabelecer uma construção de identidade por meio da exploração e da experimentação. O indivíduo que consegue se desenvolver de forma saudável nessa fase tende a construir uma autoestima sólida e uma visão clara de seu futuro. Esse processo de autodescoberta permite que o adolescente se sinta mais seguro de suas escolhas e mais confiante em suas capacidades, o que é essencial para o desenvolvimento do indivíduo (Jiang; Wu, 2023).

### 2.1.6. Intimidade versus Isolamento (18-40 anos)

Para Erikson (1994b), o sexto estágio de sua teoria ocorre entre 18 a 40 anos. Nessa etapa o jovem-adulto, possivelmente, estará preparado para iniciar relações mais intimistas e vínculos mais estreitos com os que lhe rodeiam. Relações essas, que envolvem confiança e ética, são vistas como fundamentais, mesmo que lhe sejam difíceis.

No que refere à intimidade, o jovem, geralmente, nessa etapa está pronto para se envolver emocionalmente e intimamente, pois há também uma necessidade de pertencimento. Nesse período, os jovens/adultos enfrentam o desafio de equilibrar sua própria identidade enquanto buscam estabelecer relacionamentos íntimos. Geralmente procuram em outras pessoas qualidades que favoreçam relacionamentos saudáveis e duradouros (Bishop, 2013).

Porém, quando o jovem opta pela evitação de um relacionamento afetivo e emocional que o conduzirá a uma intimidade interpessoal, poderá ocorrer um desinteresse por aproximação, levando-o ao isolamento, o que poderá ocasionar algum tipo de transtorno ao indivíduo, desencadeado pela falta de compreensão da necessidade do estabelecimento dessas relações e vínculos. Erikson reconheceu que, para alcançar o sucesso nesse estágio, é necessário ceder parte da própria identidade em prol da criação de relacionamentos significativos (Busch; Hofer, 2012). Esse equilíbrio entre identidade individual e conexão com os outros é fundamental para o progresso saudável no estágio de intimidade versus isolamento.

### 2.1.7. Generatividade versus Estagnação (40-65 anos)

No sétimo estágio do desenvolvimento humano, Erikson (1994), nos apresenta a Generatividade versus Estagnação, que ocorre entre os 40 e 65 anos. Nessa etapa da vida surge uma preocupação em deixar uma contribuição relevante para a sociedade e, principalmente, para as gerações futuras. Esse estágio do desenvolvimento psicossocial refere-se à capacidade do indivíduo de gerar ou produzir algo de valor para as futuras gerações e para a sociedade como um todo (Jiang; Wu, 2023).

A generatividade envolve o desejo de contribuir de maneira significativa para o bem-estar dos outros, seja por meio da criação dos filhos, do desenvolvimento de uma carreira que impacte positivamente a comunidade, ou de ações que deixem um legado duradouro. Nesse estágio, o indivíduo busca um propósito maior. Se, porventura, ocorrer uma falha na compreensão dessa contribuição para o mundo, nesse estágio, o indivíduo poderá ser acometido, a princípio, por uma estagnação, seguida de uma invalidez prematura (Santos *et al.*, 2022).

### 2.1.8. Integridade versus Desespero (65 anos em diante)

De acordo com Erikson (1994b), o oitavo e último estágio da teoria do desenvolvimento psicossocial é composta pela Integridade versus Desespero, que ocorre a partir dos 65 anos. Para ele, integridade é ter encontrado o verdadeiro sentido, que proporciona um sentimento de satisfação com a própria vida. É experienciar a paz interior e a satisfação de realizações conquistadas. Esse indivíduo possui experiências positivas e negativas em sua trajetória, aceitando o que não pôde ser alterado e usufruindo o que foi vivido de forma plena.

É caracterizado como um estado alcançado pelos idosos após vivenciarem diversas experiências, como fragilidades, insucessos, alegrias, incertezas e conflitos existenciais, e após terem se adaptado a essas situações, cuidando de pessoas, coisas e ideias ao longo de suas vidas. O idoso também enfrenta o sentimento de desespero, que começa a surgir como uma resposta à proximidade inevitável da morte, um tema que se torna central nesse momento da vida. A integridade, nesse contexto, implica na capacidade de enfrentar a morte com serenidade e sem desespero, pois há uma sensação de que a sua vida foi bem vivida e que se fez o melhor possível dentro do contexto oferecido e em cada fase da vida (Almeida; Grubits, 2023).

A seguir, os estágios do desenvolvimento psicossocial proposto por Erik Erikson serão analisados à luz dos eventos da história de Adão e Eva, conforme narrada em Gênesis. Ao longo dessa trajetória, Adão e Eva enfrentaram desafios que refletem, mesmo que simbolicamente, os conflitos e dilemas apresentados nos estágios psicossociais. Essa abordagem possibilita uma releitura interdisciplinar da narrativa, conectando elementos teológicos, simbólicos e psicológicos em uma análise integrada. Por meio desse paralelo, busca-se ampliar a compreensão não apenas do relato bíblico em si, mas também de suas implicações para o desenvolvimento humano, destacando a relevância atemporal dos conflitos apresentados.

## 3. Metodologia

A metodologia adotada para este artigo baseia-se na Psicologia Narrativa, proposta por Theodore Sarbin (1986). Essa metodologia propõe que a narrativa é a metáfora raiz da psicologia. Segundo Sarbin, “a narrativa organiza nossas experiências e nos permite atribuir sentido ao mundo” (Sarbin, 1986, p. 3). Essa abordagem desafia o modelo mecanicista da



psicologia experimental e se mostra particularmente valiosa para a análise de textos religiosos, pois possibilita um exame aprofundado dos aspectos simbólicos, emocionais e identitários contidos neles.

A proposta central de Sarbin (1986, p. 9) é que os seres humanos “vivem suas vidas como se fossem personagens de histórias que contam para si mesmos e para os outros”. Esse conceito se inspira na teoria das metáforas raiz de Pepper (1942), que enfatiza como modelos interpretativos moldam nossa compreensão da realidade. Dessa forma, as histórias pessoais não são registros passivos de eventos, mas narrativas dinâmicas, repletas de elementos como personagens, tramas e resoluções de conflitos. Esse processo narrativo confere coerência e continuidade à identidade pessoal, que está em constante construção.

Ao empregar a Psicologia Narrativa na interpretação das narrativas de Gênesis, amplia-se a compreensão dos dilemas existenciais de Adão e Eva. Tradicionalmente, esses eventos são lidos sob um viés dogmático e moralista, mas a Psicologia Narrativa permite um olhar mais contextualizado e interpretativo.

Com base na Psicologia Narrativa, o relato da criação e da queda pode ser entendido como uma jornada de desenvolvimento psicossocial. Esse processo pode ser analisado por meio do conceito de “*emplotment*” de Sarbin, que descreve como os eventos se conectam para formar uma história coerente sobre a condição humana. “As histórias que contamos sobre nós mesmos não são apenas descrições do passado, mas ferramentas para estruturar nossas identidades e projetar nosso futuro” (Sarbin, 1986, p. 15). Essa perspectiva se alinha à teoria psicossocial de Erik Erikson, ao destacar os dilemas de identidade, autonomia e culpa.

Por essa razão, a Psicologia Narrativa enriquece a leitura de textos sagrados ao demonstrar que as histórias bíblicas operam como poderosos dispositivos interpretativos da experiência humana. A narrativa do Éden, por exemplo, pode ser lida como uma metáfora dos desafios inerentes ao desenvolvimento psicológico e social. Para Sarbin (1986, p. 22), “a narrativa não apenas reflete, mas também molda as emoções e comportamentos dos indivíduos”.

Outro aspecto fundamental desse método é sua capacidade de destacar a importância da tradição oral e do mito na formação do pensamento humano. Para Sarbin (1986, p. 30), “as narrativas culturais não são meros relatos de eventos passados; elas são reconstruções dinâmicas que dão sentido à existência e influenciam a tomada de decisões”. Aplicada à Bíblia, essa abordagem permite compreender como as histórias sagradas foram moldadas ao longo do tempo para abordar questões morais e existenciais.

Para a aplicação dessa metodologia, o processo de análise envolveu as seguintes etapas:

- 1) *Leitura atenta da história de Adão e Eva*: A narrativa bíblica foi lida com foco nas ações, emoções e decisões dos personagens, identificando pontos-chave que pudessem representar os conflitos e desafios psicossociais descritos nos estágios de Erikson.
- 2) *Aplicação dos Oito Estágios de Erikson*: Cada um dos oito estágios de Erikson foi analisado à luz dos eventos e transformações na história de Adão e Eva. A análise focou em como as fases do desenvolvimento psicossocial podem ser observadas no comportamento, decisões e interações dos personagens.
- 3) *Interpretação Psicossocial*: A interpretação psicossocial foi conduzida com o intuito de associar as etapas do desenvolvimento humano à evolução da narrativa de Adão e Eva, destacando como seus dilemas e decisões refletem os desafios do desenvolvimento da identidade, das relações sociais e da autossuficiência. Essa interpretação buscou compreender o impacto das escolhas dos personagens na formação de sua identidade, sua relação com o outro, e sua adaptação ao mundo após a queda.

## 4. Resultados e Discussão

A análise da história de Adão e Eva à luz da teoria dos Oito Estágios de Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson oferece uma perspectiva psicossocial que enriquece e amplia a interpretação tradicional da narrativa bíblica. A aplicação dos conceitos eriksonianos permite explorar de forma mais profunda os dilemas humanos representados na história, evidenciando como as fases do desenvolvimento psicossocial se refletem nas escolhas e nos conflitos vividos pelos primeiros seres humanos.

Ao aplicar a teoria de Erikson à trajetória de Adão e Eva, observa-se um alinhamento significativo entre os estágios do desenvolvimento humano e os eventos descritos na narrativa bíblica. A apresentação dos resultados se propõe a encontrar correspondência em cada estágio proposto por Erikson e as experiências de Adão e Eva, desde sua criação e vida harmoniosa no Éden até os desafios enfrentados após a queda. Essa abordagem pode evidenciar tanto a profundidade da história quanto sua relevância para a compreensão dos processos psicológicos universais.

### 4.1. Estágio 1 – Confiança versus Desconfiança

A história começa com um período de confiança plena, em que Adão e Eva viviam em harmonia com Deus e com eles mesmos, uma representação clara do estágio “Confiança versus Desconfiança”. Na narrativa do Jardim do Éden, Deus é retratado inicialmente como uma figura cuidadora, semelhante a uma mãe que zela por um recém-nascido. Demonstrando criatividade abundante, Deus supre todas as necessidades de Adão e Eva. Em Gênesis 2:7, Deus cria Adão e o coloca no Éden, um local fértil onde “fez crescer toda árvore que era agradável à vista e boa para alimento”. Assim, Deus garante que Adão esteja emocionalmente e fisicamente satisfeito.

Além disso, Deus se empenha em encontrar uma companhia para Adão. Contudo, ao não identificar entre os outros seres um ajudante adequado, Deus cria a mulher (Gn 2:18-22), completando a interação humana no Éden e reafirmando seu papel cuidadoso e providente. Deus assume o papel de cuidador, enquanto Adão e Eva, como crianças, recebem esses cuidados de forma passiva. Como todas as suas necessidades de conforto e segurança são plenamente atendidas, Adão e Eva desenvolvem um senso de confiança básica em Deus e no mundo ao seu redor (Zhitnik, 2014).

O estado de dependência total reflete uma relação inicial de segurança e confiança que será posteriormente desafiada pela introdução da liberdade de escolha e suas implicações. Esse estágio é a base para o desenvolvimento da identidade e das relações interpessoais. A interrupção dessa confiança, com a tentação de Eva e a consequente queda, simboliza o conflito psicossocial que todos enfrentam: a transição de um estado de confiança inabalável para a insegurança e desconfiança.

A respeito da experiência do casal nessa etapa, White (2014, p. 16-17) comenta:

Adão e Eva estavam encantados com as belezas de seu lar edênico. Alegravam-se com os pequenos cantores em torno deles os quais usavam sua brilhante e graciosa plumagem e gorjeavam seu canto feliz. O santo casal se unia a eles e elevavam a sua voz num harmonioso cântico de amor, louvor e adoração ao Pai e ao Seu amado Filho como sinais de amor ao seu Criador. Reconheciam a ordem e a harmonia da criação, que falavam de sabedoria e conhecimento infinito.

O casal edênico vivia em um estado de plena harmonia e confiança o Criador. A relação de confiança entre o casal e Deus foi interrompida com a desobediência do ser humano, estabelecendo um conflito entre a confiança e a desconfiança do ser humano em relação ao seu Criador. White (2024, p. 29). comenta que:

O Senhor visitou Adão e Eva, e tomou conhecidas as consequências das transgressões deles. No momento em que perceberam a presença majestosa de Deus, procuraram se esconder Daquele com quem antes tinham prazer de se encontrar, quando estavam em sua condição de inocência e santidade.

No início, a relação de Adão e Eva com Deus pode ser vista como uma representação de um estado de confiança plena. Viviam no Éden, sem enfrentar ameaças externas ou internas, refletindo o estágio de confiança básica. Quando Eva foi tentada e comeu o fruto proibido, essa confiança é quebrada, refletindo o dilema central deste estágio, a vulnerabilidade à desconfiança. A queda da harmonia inicial é substituída por um estado de desconfiança, não apenas em relação a Deus, mas também entre eles e consigo mesmos.

Essa experiência estabelece um claro paralelo com a primeira etapa do desenvolvimento psicossocial descrita por Erik Erikson (1994), o estágio de Confiança versus Desconfiança. Nesse estágio, o desenvolvimento emocional e psicológico do indivíduo depende de um ambiente confiável e consistente, que promova segurança e apoio. A tentação e a consequente desobediência introduzem o conflito, rompendo a relação de confiança e expondo o casal a um estado de desconfiança e insegurança.

Após a transgressão, a percepção de vulnerabilidade e culpa se torna evidente na tentativa de Adão e Eva de se esconderem de Deus, refletindo a perda da inocência e a introdução do medo e da vergonha. Esse momento marca uma transição crucial, em que a relação inicial de confiança é substituída por um sentimento de desconfiança, tanto em relação a Deus quanto a si mesmos. Essa ruptura ecoa o dilema enfrentado por todos os seres humanos ao longo do desenvolvimento: a luta para equilibrar a confiança básica com a possibilidade de desconfiança, especialmente diante de situações de falha ou perda.

## 4.2. Estágio 2 - Autonomia versus Vergonha e Dúvida

A decisão de Eva de comer o fruto proibido pode ser vista como uma manifestação do estágio “Autonomia versus Vergonha e Dúvida”, pois representa uma busca pela independência e a exploração do conhecimento, características típicas dessa fase. No entanto, a vergonha que se segue à percepção da nudez reflete a tensão entre autonomia e o medo das consequências, um dilema universal no processo de individuação.

Ao comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, Eva demonstra o desejo de adquirir o conhecimento do bem e do mal, obtendo o saber do próprio Deus. “Eva foi iludida pela serpente a pensar que existia alguma coisa oculta que podia torná-la sábia como o próprio Deus” (White, 2014, p. 28). Ao exercitar o livre-arbítrio em um ato contrário à orientação de Deus, o ser humano instantaneamente passou a sentir medo e vergonha pela sua ação, pois ela gerou resultados negativos. Ao ser tentada, Eva opta por comer o fruto proibido. Esse ato de desobediência lhe proporciona um sentimento de vergonha e dúvida. Ao buscar pela autonomia, na expectativa de ser tornar soberana, ela descobre que havia se tornado refém da vergonha. Pela primeira vez sentia-se despida, e como resultado da sua escolha em ir contra as orientações do seu Criador, passou a desenvolver um sentimento de dúvida em relação às próximas etapas da sua vida.

No segundo estágio do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1994b), o ser humano amplia a busca por sua independência. Mas, ao mesmo tempo, pode enfrentar vergonha e dúvida pelas suas ações, pois nem sempre os resultados pela busca da independência são favoráveis e positivos. Se a criança desenvolveu um senso de confiança básica, buscará exercer sua autonomia de maneira segura e exploratória. Caso contrário, a falta dessa base poderá levá-la a comportamentos extremos: ou se apegar excessivamente aos cuidadores, demonstrando dependência, ou se afastar deles de forma abrupta. Esses padrões refletem a importância da confiança básica no desenvolvimento de uma autonomia saudável (Zhitnik, 2014).

Adão e Eva exerceram sua autonomia pela primeira vez no Jardim do Éden ao comerem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 3:10). Até esse momento, Deus, como uma figura materna divina, havia suprido todas as suas necessidades físicas, permitindo que eles desenvolvessem um forte senso de confiança básica. Com base nessa confiança, Adão e Eva se sentiram dispostos a arriscar e comer o fruto proibido, mesmo com o aviso de Deus de que essa ação levaria à morte (Gn 2:17).

Esse ato pode ser comparado ao comportamento de uma criança que, após receber apoio consistente e nutridor de seus cuidadores, decide explorar o mundo de maneira independente. Assim como a criança busca superar a dependência completa da infância, Adão e Eva, ao provar do fruto proibido, se afastam dessa relação de total dependência com Deus, motivados pelo desejo de conhecimento e pela vontade de tomar decisões por si mesmos. Esse momento marca uma transição significativa no relacionamento entre os humanos e seu Criador, representando o primeiro exercício de autonomia com consequências profundas.

### 4.3. Estágio 3 – Iniciativa versus Culpa

À medida que a história avança, a culpa que surge em Adão e Eva após comerem do fruto pode ser analisada à luz do estágio de “Iniciativa versus Culpa”. A transgressão e a consequente punição refletem as tensões entre o desejo de explorar e as consequências negativas dessa exploração. A culpa que Adão e Eva sentem após o pecado original pode ser interpretada como uma forma de internalização das normas sociais (as proibições e regras) estabelecidas pelo Criador, algo que, semelhantemente, acontece no desenvolvimento da criança quando começa a entender as implicações de suas ações (Stamato Savi, 2021).

White (2014, p. 26) comenta que Eva “então colheu para si o fruto e comeu, e imaginou sentir o poder de uma nova e elevada existência como resultado da influência estimulante do fruto proibido”. Diante das orientações de Deus, Eva tomou a iniciativa em desobedecê-lo. Diante da rejeição das instruções divinas, “o casal culpado experimentava a sensação do pecado. Sentiam temor pelo futuro, falta de alguma coisa, uma nudez de alma” White (2014, p. 26 e 28).

No encerramento do capítulo 3 de Gênesis, Adão e Eva vivenciam uma transição profunda, tanto psicológica quanto social. Ao comerem o fruto proibido, eles “se tornam semelhantes a Deus, conhecendo o bem e o mal” (Gn 3:22). Simultaneamente, eles percebem que estão nus (Gn 3:7) e sentem vergonha (Gn 3:10), marcando um novo nível de autoconsciência e responsabilidade. Como resultado dessa descoberta, Deus decreta uma nova ordem para a humanidade: Eva enfrentará dores no parto, desejará seu marido e estará subordinada a ele (Gn 3:16), enquanto Adão trabalhará arduamente para obter sustento da “terra amaldiçoada” todos os dias de sua vida (Gn 3:17-18). Quando Deus percebe que o conhecimento recém-adquirido pelos humanos poderia ser usado para comer da árvore da vida e viver para sempre, Ele os expulsa do Éden, enviando-os para “lavar o solo de onde foram tomados” (Gn 3:23).

Nesse ponto, Adão e Eva vivenciam os desafios do estágio de Iniciativa versus Culpa, conforme descrito por Erik Erikson. Esse estágio prepara os indivíduos para a transição à idade adulta, onde se espera que assumam responsabilidades e tomem iniciativas em seus novos papéis. Ao cobrirem a nudez (Gn 3:7) para lidar com a vergonha (Gn 3:10), Adão e Eva demonstram um grau de autocuidado e uma consciência sexual emergente. Assim como uma criança que avança em seu desenvolvimento psicossocial e psicosexual, Adão e Eva são empurrados para enfrentar novas responsabilidades e desafios, em um mundo fora da proteção do Éden.

O Jardim do Éden, um lugar de cuidado e segurança infinitos, era adequado para humanos enquanto permaneciam dependentes, passivos e desprovidos de autoconsciência – como crianças. Porém, com o conhecimento adquirido, eles deixam de ser como crianças. Agora armados com capacidades mentais e habilidades físicas mais desenvolvidas, o Éden já não é mais um lugar apropriado para eles. Assim, Deus age como um pai amoroso, mas firme, no início da infância: renuncia ao cuidado total que caracterizou a vida inicial de Adão e Eva e os impulsiona para o mundo da “produção e procriação” (Erikson, 1964, p. 91), onde devem assumir responsabilidades e encontrar um novo equilíbrio em sua existência fora do Éden. Essa transição marca o fim de um ciclo de dependência e o início da autonomia, essencial para o crescimento e amadurecimento humano (Zhitnik, 2014).

Para Erikson (1994b), nessa etapa do desenvolvimento do ser humano, surgem novas expectativas e responsabilidade em relação à vida, o que geralmente leva a criança a tomar algumas iniciativas próprias para atingir seus objetivos de crescimento pessoal. Porém, nessa etapa a criança deverá ter seus pais como orientadores em suas ações, pois diante de um resultado considerado por ela mesma, ou pelos outros, como, ruim, negativo ou prejudicial a criança poderá ser tomada pela culpa.

Quando a criança, em seu desenvolvimento, busca novas experiências e toma iniciativas, ela se depara com as consequências de suas ações, muitas vezes, gerando um sentimento de culpa. Da mesma forma, Adão e Eva, ao tomarem a iniciativa de desobedecer a Deus, enfrentam a culpa pela transgressão. Esse estágio reflete a tensão entre o desejo de explorar o mundo e o medo das consequências das escolhas feitas.

#### 4.4. Estágio 4 - Indústria versus Inferioridade

No estágio do desenvolvimento denominado Indústria versus Inferioridade, Erikson (1994b) explica que o indivíduo começa a compreender a importância do trabalho para a sobrevivência no mundo. Entretanto, ao iniciar suas primeiras tarefas, pode enfrentar dificuldades que geram frustração e sentimentos de inferioridade. O apoio e o estímulo positivo das pessoas ao seu redor desempenham um papel fundamental para a superação desses desafios, permitindo à criança desenvolver um senso de competência.

Essa perspectiva pode ser relacionada ao relato bíblico da expulsão do Paraíso, que marca uma transição crucial na experiência humana. Após o pecado, Adão e Eva passam a enfrentar o desafio do trabalho, lidando com as dificuldades impostas pela nova realidade. Nesse contexto, pode-se interpretar que ambos foram inseridos no estágio de Indústria versus Inferioridade, sendo desafiados a provar sua competência e a se adaptar a uma vida em que o sustento depende do esforço próprio. A perda da proteção e da abundância do Paraíso pode ter provocado neles um sentimento de inadequação diante da necessidade de sobreviver através do trabalho.

A Bíblia reforça essa ideia ao descrever que, após a queda, o esforço se tornou indispensável para a subsistência da humanidade. Em Gênesis 3:19, está escrito: “Do suor do

teu rosto comerás”, evidenciando que o trabalho árduo passou a ser a condição para a vida terrena. White (2014, p. 30) complementa: “Uma vida de constante trabalho árduo e ansiedade foi designada a Adão, em lugar das atividades felizes que haviam tido até então.” Assim, a transição de um estado de abundância para um cenário de esforço contínuo reflete as dificuldades enfrentadas na fase descrita por Erikson.

Veloso (2002, p. 51) amplia essa discussão ao mencionar que “uma frustração constante no trabalho, uma permanente ausência de sentido e um uso irresponsável dos meios naturais” podem ser consequências desse novo cenário. Da mesma forma, na contemporaneidade, observa-se uma insegurança no trabalho que reflete essa mesma condição descrita na narrativa bíblica. Sennett (1998) argumenta que a incerteza gerada pelas mudanças econômicas e sociais pode enfraquecer o senso de identidade e competência dos trabalhadores, intensificando a vulnerabilidade emocional associada ao labor. Assim, o trabalho, que deveria ser uma atividade reconfortante e estruturante, pode se tornar uma fonte de angústia e desgaste emocional, caso não seja ressignificado positivamente na vida do indivíduo.

Essa análise encontra eco na perspectiva de Marx (1867), que discute a alienação do trabalhador em um sistema econômico que distancia o indivíduo do fruto de seu próprio esforço. Nessa visão, o trabalho, quando corrompido por condições opressivas, pode gerar um sentimento de desconexão e perda de propósito, impactando diretamente a saúde mental e a autoestima do trabalhador. Essa reflexão ressalta a necessidade de ressignificar o papel do trabalho para garantir um equilíbrio emocional e existencial mais saudável.

Por fim, Driver (1904) reforça que, embora o trabalho já existisse antes da queda (Gn 2:15), a penalidade imposta a Adão e Eva consistiu no aumento da laboriosidade e nas decepções frequentes associadas ao esforço necessário para sobreviver. Esse aspecto destaca o peso emocional do trabalho nesse novo contexto, tornando-o um fator determinante na construção da identidade humana e na forma como se encara a existência.

Ao compararmos essa perspectiva com a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson, podemos notar que o estágio de Indústria versus Inferioridade reflete essa mesma necessidade de adaptação e superação de desafios. Assim como na narrativa bíblica, onde Adão e Eva precisaram encontrar significado no trabalho para sobreviver, a criança, nesse estágio do desenvolvimento, deve desenvolver um senso de competência diante das exigências do mundo.

## 4.5. Estágio 5 - Identidade versus Confusão de Papéis

No estágio do desenvolvimento denominado Identidade versus Confusão de Papéis, Erikson (1971; 1994a) explica que o indivíduo busca compreender seu papel no mundo, iniciando, assim, a construção de sua identidade. No entanto, se ele se encontra em desarmonia interior, isso pode levá-lo a uma crise de identidade. Na narrativa bíblica, esse estágio pode ser observado na experiência de Adão e Eva após sua expulsão do Paraíso. Ao deixarem o Éden, eles perdem a identidade que possuíam como seres perfeitos, enfrentando a necessidade de redefinir seu papel no mundo. Esse processo reflete a questão central da identidade enfrentada por todos os indivíduos ao longo da vida (Erikson, 1971, p. 241).

Com a queda, a humanidade passou a ter dificuldades em manter sua identidade alinhada com a de Deus. Segundo White (2021), o ser humano que não possui seu coração renovado não encontra prazer em manter um relacionamento com Deus, comprometendo sua semelhança com o Criador. A Bíblia reforça essa ideia ao afirmar que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura” (1Co 2:14). A saída do Éden representa uma crise de identidade profunda para Adão e Eva. Fora do Paraíso, eles precisam redefinir seus papéis no mundo. A perda da perfeição e imortalidade gera um vazio

existencial e questionamentos sobre sua verdadeira identidade e propósito. Essa experiência está diretamente relacionada ao estágio de Identidade versus Confusão de Papéis, uma vez que o ser humano, ao enfrentar mudanças bruscas, busca um novo significado para sua existência.

A identidade humana está intrinsecamente ligada à sua criação. O relato bíblico afirma: “E criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gn 1:27). Esse conceito é reforçado por Nunes (2019, p. 24), que argumenta que “a identidade do ser humano está profundamente ligada ao Criador, pois o que Deus é, Ele confere ao ser humano a autoridade de ser”. A teoria de Erikson sustenta que a crise de identidade pode ser resolvida através da exploração e do compromisso com novos papéis e valores. Assim, Adão e Eva, ao enfrentarem a perda de sua identidade original, precisaram ressignificar suas vidas e encontrar um novo propósito. Esse processo reflete o dilema universal da formação da identidade, no qual o indivíduo precisa definir sua posição no mundo.

## 4.6. Estágio 6 - Intimidade versus Isolamento

No estágio do desenvolvimento denominado Intimidade versus Isolamento, Erikson (1971; 1994b) explica que, ao atingir a fase adulta, o indivíduo busca estabelecer relações íntimas e conexões afetivas mais profundas. Contudo, se evitar o compromisso e optar pelo isolamento, pode comprometer seu desenvolvimento emocional e psicológico.

A dinâmica da relação entre Adão e Eva após a queda ilustra esse dilema. Além das mudanças externas, eles enfrentam transformações internas que afetam sua conexão. A unidade conjugal, antes plena e natural, é agora testada pelas dificuldades e pelas consequências do pecado. No entanto, o vínculo entre eles permanece essencial para a superação dos desafios e para a adaptação à nova realidade.

A Bíblia reforça a necessidade da intimidade ao afirmar: “Portanto, deixará o homem o seu pai e sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne” (Gn 2:24). Esse princípio sugere que a intimidade é um elemento essencial na construção da identidade. Deus cria a mulher para que Adão tenha uma companheira e auxiliadora, evitando o isolamento e promovendo um relacionamento de apoio mútuo. A relação entre Adão e Eva após a queda exemplifica esse conflito entre intimidade e isolamento. Embora compartilhassem um vínculo profundo, estavam agora expostos à vulnerabilidade e às tensões provocadas pela nova realidade. Antes, a união era harmoniosa e isenta de conflitos; agora, era testada pelo caos e pela necessidade de adaptação a um mundo hostil. Como destaca Baumeister (1999), a busca por sentido e pertencimento é um fator determinante na construção da identidade e na superação da solidão.

Baker (2007), argumenta que o pecado afetou profundamente o relacionamento de Adão e Eva, gerando sentimentos de culpa, vergonha e distanciamento emocional. Ele explica que, ao invés de manterem uma relação baseada na confiança e na transparência, ambos passaram a se esconder um do outro e de Deus. Essa transformação na dinâmica do casal reflete um padrão comum nas relações humanas, onde a culpa e a insegurança podem levar ao afastamento e à dificuldade em manter a intimidade.

## 4.7. Estágio 7 - Generatividade versus Estagnação

Nesse estágio, Erikson (1971, 1994b) explica que a vida adulta é marcada pela necessidade de gerar e contribuir para o futuro. A busca pela generatividade reflete o desejo humano de criar, orientar e influenciar positivamente as próximas gerações, garantindo um

legado duradouro. Quando essa necessidade é frustrada, há um risco de estagnação, levando o indivíduo a um sentimento de vazio.

Na narrativa bíblica, esse estágio pode ser observado com o nascimento dos filhos de Adão e Eva. O relato de Gênesis descreve: “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim” (Gn 4:1). Posteriormente, Eva também deu à luz a Abel, Sete e outros descendentes. O mandamento divino para frutificar e multiplicar-se (Gn 1:28) reforça a responsabilidade dos pais em educar e orientar seus filhos para a vida e a relação com Deus. A teologia bíblica ressalta que a criação de filhos não é apenas um ato biológico, mas também uma missão espiritual. Segundo Wright (2006), a parentalidade no contexto bíblico envolve a transmissão de valores e a preservação da aliança com Deus. Nesse sentido, Adão e Eva representam o primeiro exemplo de pais que, mesmo em um mundo caído, buscaram transmitir princípios e crenças fundamentais aos seus filhos.

A antropologia bíblica moderna também contribui para essa análise. Segundo Walton (2015), a criação de filhos no mundo antigo estava fortemente associada à identidade comunitária e à continuidade da linhagem. O papel dos pais era garantir que seus descendentes preservassem as tradições e os ensinamentos recebidos. Essa perspectiva ressoa com a ideia de generatividade descrita por Erikson, pois a transmissão do conhecimento era essencial para a estabilidade social.

Contudo, o relato de Gênesis também mostra os desafios dessa tarefa. O conflito entre Caim e Abel ilustra como a dinâmica familiar pode ser afetada por questões emocionais e espirituais. Segundo Blocher (2015), a rivalidade entre os irmãos reflete a luta entre a obediência e a rebeldia, um dilema presente em todas as gerações. Essa narrativa enfatiza que a generatividade não ocorre sem desafios e que o papel dos pais é fundamental na orientação dos filhos para uma vida equilibrada e significativa. Dessa forma, o estágio de “Generatividade versus Estagnação” encontra paralelo na experiência de Adão e Eva, que, ao gerarem filhos, enfrentaram as complexidades da parentalidade e da transmissão de valores. Esse ciclo de aprendizado e adaptação reflete a jornada da humanidade em sua busca por significado e contribuição para o futuro.

## 4.8. Estágio 8 - Integridade versus Desespero

No estágio do desenvolvimento denominado “Integridade versus Desespero”, Erikson (1971; 1994a) explica que a velhice é marcada pela reflexão sobre a vida e as escolhas feitas ao longo dos anos. A integridade emerge quando o indivíduo aceita suas falhas e conquistas, encontrando um sentido profundo em sua trajetória. Por outro lado, aqueles que se sentem insatisfeitos com suas decisões podem experimentar o desespero, o que pode levar à angústia e ao medo da morte.

A narrativa bíblica pode ser analisada à luz desse estágio. Ao final de suas jornadas, ambos tiveram que lidar com as consequências de suas escolhas, especialmente a desobediência no Éden. A experiência de Adão é descrita como profundamente dolorosa: “A sentença de morte pronunciada sobre ele por seu Criador, que a princípio parecia-lhe tão terrível, depois que ele viveu umas centenas de anos, parecia justa e misericordiosa da parte de Deus, pois trazia fim a uma vida miserável” (White, 2014, p. 40).

Segundo Wright (2006), a narrativa bíblica apresenta a velhice como um momento de sabedoria adquirida por meio das experiências vividas, mas também como uma fase de profundo questionamento sobre o propósito da vida. A antropologia bíblica reforça essa ideia ao sugerir que o envelhecimento era visto não apenas como um declínio físico, mas como um período de preparação espiritual para a eternidade (Walton, 2015). Blocher (2015) também



argumenta que a história de Adão e Eva simboliza o dilema universal da humanidade diante do arrependimento e da esperança. O desespero de Adão ao testemunhar a corrupção do mundo reflete o sofrimento do indivíduo que sente o peso de suas decisões. No entanto, a transmissão de valores às próximas gerações pode ser interpretada como um processo de ressignificação, alinhando-se com a integridade descrita por Erikson.

Portanto, a aplicação dos oito estágios de Erikson à narrativa de Adão e Eva ilustra como as questões universais do desenvolvimento humano e estão intrinsecamente ligadas às experiências dos primeiros seres humanos. A análise eriksoniana não apenas ilumina a narrativa bíblica, mas também oferece insights valiosos sobre o processo de formação da identidade e o desenvolvimento psicossocial ao longo da vida.

## 5. Considerações Finais

Através desta análise, é possível observar como temas universais de desenvolvimento humano podem ser encontrados em narrativas antigas. A teoria de Erikson oferece uma lente rica para compreender os dilemas e desafios enfrentados pelos personagens bíblicos, iluminando as complexidades do desenvolvimento psicossocial e estabelecendo paralelos entre os desafios vividos por Adão e Eva e os enfrentados por cada indivíduo ao longo da vida.

A história de Adão e Eva pode ser vista como uma metáfora para o desenvolvimento humano. Assim como cada indivíduo passa por estágios de desenvolvimento psicossocial, os personagens bíblicos enfrentam desafios que refletem essas etapas. O dilema da confiança e da desconfiança no início da história, seguido pela busca por autonomia e o enfrentamento da vergonha e culpa, são experiências universais no processo de formação da identidade. Segundo Clines (2008), a narrativa de Gênesis reflete não apenas eventos históricos, mas também arquétipos que ressoam com a jornada psicológica e espiritual da humanidade.

Os desafios enfrentados por Adão e Eva após a queda refletem a transição de um estado de harmonia e dependência para um estado de autossuficiência e adaptação às novas condições. Ao serem expulsos do Éden, eles precisam se redefinir e encontrar novos papéis, tanto como indivíduos quanto como casal. Walton (2015) destaca que a saída do Éden simboliza a perda de uma identidade idealizada e a necessidade de reconstrução, algo presente nas transformações e crises enfrentadas ao longo da vida. A narrativa bíblica, portanto, não só ilustra o dilema de Adão e Eva, mas também representa o dilema de todos os indivíduos ao longo da vida, que enfrentam a necessidade de adaptação às mudanças e a busca por significado.

As escolhas feitas por Adão e Eva, especialmente a decisão de desobedecer a Deus, são centrais para a história. Essas escolhas refletem os dilemas enfrentados em cada um dos estágios de Erikson. Cada fase da vida humana traz consigo novas escolhas e desafios, e as respostas a essas decisões têm um impacto duradouro na formação da identidade. Como sugere Wright (2006), a Bíblia apresenta a desobediência como um marco na jornada de crescimento humano, demonstrando que o processo de errar e aprender faz parte da formação da identidade. Assim, a história de Adão e Eva não apenas descreve uma queda espiritual, mas também um processo de crescimento e desenvolvimento psicossocial.

A aplicação da teoria de Erikson à história de Adão e Eva oferece uma nova dimensão interpretativa para a narrativa bíblica. Em vez de ver a queda como um evento puramente espiritual ou moral, podemos compreender a experiência de Adão e Eva como um reflexo das complexidades do desenvolvimento humano. Seus dilemas e suas escolhas refletem os desafios que todos enfrentamos ao longo da vida, desde a infância até a velhice. Segundo McGrath (2020), essa leitura integrada permite que a teologia e a psicologia dialoguem de forma produtiva, ampliando nossa compreensão da experiência humana e da espiritualidade.

A abordagem psicossocial de Erikson aplicada à história de Adão e Eva também abre um diálogo interessante entre psicologia e teologia. A psicologia do desenvolvimento e as questões de identidade, autossuficiência e relações sociais são elementos comuns tanto na teoria eriksoniana quanto na narrativa bíblica. Dessa forma, o estudo da história de Adão e Eva à luz da teoria de Erikson contribui para uma visão mais integral da experiência humana.

A Psicologia Narrativa de Theodore Sarbin se mostra uma abordagem metodológica sofisticada para a análise de narrativas bíblicas, ao enfatizar o papel do contexto, da identidade e da estrutura narrativa na construção do significado. Esse método oferece um novo olhar sobre o texto sagrado, favorecendo um diálogo entre psicologia e teologia e permitindo uma compreensão mais profunda das formas como os indivíduos e sociedades atribuem sentido às suas experiências por meio das histórias.

## Referências

ALMEIDA, C. B.; GRUBITS, H. Envelhecimento: visão biopsicossocial. **Longeviver**, v. 5, n. 18, abr.-jun. 2023. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/Dz50r>>. Acesso em: 25 dez 2024.

BARROS, M. C. S. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1991.

BAKER, M. W. **Jesus, the greatest therapist who ever lived**. Nova York: HarperOne, 2007.

BAUMEISTER, R. F. **The self in social psychology**. Nova York: Psychology Press, 1999.

BERZOFF, J. Psychosocial ego development: the theory of Erik Erikson. In: BERZOFF, J.; FLANAGAN, L. M.; HERTZ, P. (Eds.). **Inside out and outside in**. Nova York: Rowman & Littlefield, 2022.

BISHOP, C. L. Psychosocial stages of development. In: KEITH, Kenneth D. (Ed) **The encyclopedia of cross-cultural psychology**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013.

BLOCHER, H. **In the beginning: the opening chapters of Genesis**. Downers Grove: IVP Academic, 2015.

BUSCH, H.; HOFER, J. Self-regulation and milestones of adult development: intimacy and generativity. **Developmental Psychology**, v. 48, n. 1, p. 282-293, 2012. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21928881/>>. Acesso 25 dez. 2024.

CARPIGIANI, B. Erik H. Erikson: teoria do desenvolvimento psicossocial. **Carpsi**. v. 7, ago. 2010. Disponível em: <[bit.ly/4bH0BAI](https://bit.ly/4bH0BAI)>. Acesso em: 25 dez. 2024.

CLINES, D. J. A. **The theme of the Pentateuch**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2008.

DRIVER, S. R. **The book of Genesis: with introduction and notes**. Cambridge: Cambridge University Press, 1904.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1994a.

ERIKSON, E. H. **Identity and the life cycle**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1994b.

ERIKSON, E. H. **Identity: youth and crisis**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1971.

ERIKSON, E. H. **Insight and responsibility**. Nova York: Norton, 1964.

FIEDLER, A. J. C. B. P. O desenvolvimento psicossocial na perspectiva Erik H. Erikson: as oito idades do homem. **Revista Educação**, v. 11, n. 1, p. 78-85, 2016. Disponível em: <bit.ly/43mekdE>. Acesso em: 25 dez 2024.

HALL, C. S. *et al.* **Teorias da personalidade**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

JIANG, R.; WU, M. Child Education Strategies based on Erikson's Theory. **Journal of Education and Educational Research**, v. 4, n. 2, p. 93-94, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9ld3a>. Acesso em: 25 dez 2024.

KELLAND, M. D. **Personality theory in a cultural context**. Dubuque, Iowa: Hunt, 2023. Disponível em: <bit.ly/41pRi2D>. Acesso em: 25 dez 2024.

KNIGHT, Z. G. A proposed model of psychodynamic psychotherapy linked to Erik Erikson's eight stages of psychosocial development. **Clinical psychology & psychotherapy**, v. 24, n. 5, p. 1047-1058, 2017. Disponível em: <bit.ly/4bH1yIV>. Acesso em: 25 dez. 2024.

MARX, K. **Das kapital**. Hamburg: o Verlag von Otto Meissner, 1867.

MCGRATH, A. **Theology: the basics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2020.

NUNES, E. M. Uma abordagem narrativa sobre a identidade humana. In: MILLI, A.; IGLESIAS, L. **Origens: quem você pensa que é?** Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2019.

SILVA, B. R.; FINOCCHIO, A. L. A velhice como marca da atualidade: uma visão psicanalítica. **Vínculo**, v. 8, n. 2, p. 23-30, 2011.

STELLA, C. O impacto do encarceramento materno no desenvolvimento psicossocial dos filhos. **Educere et Educare**, v. 4, n. 8, jul.-dez, p. 99-111, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OQhHn>. Acesso em: 25 dez 2024.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

PEPPER, S. **World Hypotheses: A Study in Evidence**. Berkeley: University of California Press, 1942.

SACCO, R. G. Re-envisaging the eight developmental stages of Erik Erikson. **Journal of Educational and Developmental Psychology**, v. 3, n. 1, p. 140-146, 2013. Disponível em: <bit.ly/3QJ9JdV>. Acesso em: 25 dez 2024.

SANTOS, A. N. *et al.* Análise das vivências de estágio em psicologia numa casa de apoio de saúde mental com foco na abordagem psicossocial de Erik Erikson. **Journal of Medical and Dental Science Research**, v. 9, n. 7, p. 81-87, 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/rmylO>. Acesso em: 25 dez 2024.

SARBIN, T. R. **Narrative psychology: the storied nature of human conduct**. Nova York: Praeger Publishers, 1986.

SENNETT, R. **The corrosion of character: the personal consequences of work in the new capitalism**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1998.

STAMATO SAVI, M. **A psicologia do desenvolvimento moral: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2021.

SYED, M.; McLean, K. C. Erikson's theory of psychosocial development. In: BRAATEN, Ellen (Eds.). **The SAGE encyclopedia of intellectual and developmental disorders**. Los Angeles: SAGE, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/9781483392271.n178>. Acesso em: 24 dez 2024.

VELOSO, M. **O homem, pessoa vivente**. Ivatuba, PR: IAP Editora, 2021.

WALTON, J. H. **The lost world of Adam and Eve: Genesis 2-3 and the Human Origins Debate**. Downers Grove: IVP Academic, 2015.

WHITE, E. G. **Caminho a Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

WHITE, E. G. **História da redenção**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WRIGHT, C. J. H. **The mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative**. Downers Grove: IVP Academic, 2006.

ZHITNIK, A. P. Eden and Erikson: psychosocial theory and the garden of Eden. **Journal of Pedagogy, Pluralism, and Practice**, v. 6, n. 1, p. 141-152, 2014. Disponível em: <bit.ly/3QI66Fa>. Acesso em: 25 dez 2024.